

### **DESAFIOS.**

Lidar com a distância do ambiente escolar, com novas ferramentas, manter uma rotina de trabalho dentro de casa, dividindo as tarefas profissionais com os afazeres do lar e a atenção à família. Tudo coloca o estado emocional à prova.

“Nós professores estamos vivenciando uma tendência muito rude. Tendências que expressam uma falta de compreensão das condições pelas quais fomos lançados e pressionados a continuar com o nosso trabalho e ao mesmo tempo manter viva a escola, os processos de ensino - aprendizagem e ser presentes na vida de seus alunos”, explica Cesar Augusto Eugenio, doutor em educação e coordenador dos cursos de pedagogia, filosofia e sociologia da Unitaú (Universidade de Taubaté).

Para Eugênio, os principais obstáculos enfrentados estão relacionados à falta de condições oferecidas para o serviço seja de qualidade e até a intimidade invadida. “Tivemos que enxergar em nossas próprias ferramentas tecnológicas o material necessário para lecionar. Claro, todos os professores têm sim que estar aberto para aprender, contudo, nem todos conseguem com a mesma velocidade”, afirma. “Nossa privacidade foi invadida, ficamos expostos e inseguros. Também somos fálveis como qualquer outro ser humano.”

Já para Marcele Trevisan, professora de ensino médio da Univap (Universidade do Vale do Paraíba), a rapidez com que



### **LUZ, CÂMERA...**

**Aulas gravadas ou online se tornaram tendência**



### **TECNOLOGIA.**

**Nova rotina exigiu grande adaptação de educadores**

tudo aconteceu foi o que mais a assustou. “Sentia-me nervosa como se fosse a primeira vez que estivesse dando aula na vida: frio na barriga, insegurança, medo de os alunos não conseguirem aprender. Ensaiei a aula antes, diversas vezes, para que tudo saísse bem”, contou.

Em diferentes experiências, um fato é unânime entre eles: a falta do contato direto com o olhar dos alunos.

### **POR TRÁS DA CÂMERA.**

Para a doutora no programa Clínica da USP (Universidade de São Paulo), Luiza Chagas Brandão, momentos como esse são propício ao desenvolvimento da chamada Síndrome de Bournout. Os principais sintomas são exaustão, alterações no apetite e humor, sentimento de incompetência, dores musculares e falhas na memória.

“Este período é muito desorganizador para a saúde mental de todos. Esses profissionais começaram a ser responsabilizados e cobrados a entregarem um serviço para quais eles não foram preparados. É uma sobrecarga e uma cobrança muito alta”, diz a especialista que acredita que os pedagogos sofreram de maneira mais intensa uma vez que, eventualmente, outros trabalhos tiveram um tempo de adaptação diferente. “Conheço escolas que não tiveram nem um dia de aula suspenso”, exemplifica Luiza, que sugere a busca por redes de apoio, procurar uma ajuda profissional, momentos de lazer e atividades físicas.